

Criação e Consolidação da SBQ[#]

Etelvino J. H. Bechara e Hans Viertler
Instituto de Química, Universidade de São Paulo

Julho de 1977. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mesmo com o boicote das autoridades federais à Reunião, não liberando as verbas necessárias à sua realização e não licenciando funcionários federais, inclusive pesquisadores, para participarem dela, esta foi uma das mais importantes reuniões da SBPC. Artistas plásticos, autores, escritores e muitos outros intelectuais e amigos da Ciência se cotizaram, leiloaram suas obras e doaram bilheterias de teatros para cobrir parte das despesas da Reunião.

Na efervescência do ambiente, ainda ameaçado pela truculência da ditadura militar, numa sala onde as pizações das paredes gritavam a falta de liberdade, nasceu a Sociedade Brasileira de Química – SBQ, por decisão de cerca de setenta professores, estudantes e profissionais de química. O nome Sociedade Brasileira de Química não era nada original desde que, em 1922, entre as solenidades de comemoração do primeiro centenário da independência houve a fundação da Sociedade Brasileira de Química, a qual alguns anos mais tarde se fundiu à Associação de Química do Brasil (AQB) para originar a Associação Brasileira de Química (ABQ).

Àquela altura (1977), não suportávamos mais a falta de espaço para discussões científicas e políticas. Nos anos negros da ditadura militar, sem canal de expressão, nós químicos fomos omissos e, portanto, compactuantes com todos os projetos federais de “desenvolvimento científico e tecnológico”, inclusive o programa nuclear, a privatização do ensino, a desnacionalização das indústrias, a burocratização e inchamento das agências financiadoras. Enquanto isso, físicos, bioquímicos, cientistas sociais e outros, constantemente, denunciavam medidas ante-povo da ditadura. Foram quase quinze anos em que não contávamos com reuniões anuais regulares, nem revista com periodicidade constante, nem comissões de estudos. Os químicos brasileiros, excetuando-se professores titulares e outros mais graduados e de renome internacional, simplesmente não se conheciam. Professores e alunos tinham medo de trocar idéias, mesmo que sobre Química. Afinal, fazia apenas quatro anos que nossa querida e valerosa Ana Rosa Kucinski, professora de Química analítica do IQ-USP, havia “desaparecido”. O cenário da Química no país podia ser descrito como (i) um conjunto de institutos ou departamentos de Química, onde se ensinava Química e se produziam trabalhos originais para publicação no exterior, (ii) a Associação Brasileira de Química (já sem engenheiros químicos, que fundaram em 1975 a Associação Brasileira de Engenharia Química – ABEQ e bioquímicos que, em 1967, criaram a Sociedade Brasileira de Bioquímica – SBBQ) e (iii) os Conselhos Regionais e Federal de Química, com membros que se perpetuavam nas seguidas auto-eleições. A filiação e atuação dos químicos de nível superior nos Sindicatos de Químicos sempre foram muito tímidas e frequentemente tinham apenas caráter de obrigação legal.

A primeira Diretoria da SBQ (Presidente: Simão Mathias; Secretário: Eduardo M. A. Peixoto; Tesoureiro: Etelvino J. H. Bechara), com caráter provisório, foi eleita na Assembléia de Fundação apenas com a tarefa de consolidar a nova SBQ através de um Estatuto que seria votado pelos químicos que se associassem naquele primeiro ano. Em apenas um ano a SBQ teve a adesão de 239 professores-pesquisadores e 78 estudantes de Química. Não apenas foi redigido e votado o Estatuto como também lançada a Química Nova e organizada a Primeira Reunião Anual da SBQ para julho de 1978. Paralelamente, e em

poucos anos, estabeleceram-se as primeiras Secretarias Regionais da SBQ: Porto Alegre, Florianópolis, Maringá, Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto, Araraquara, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Viçosa, Salvador, Recife, Fortaleza e Brasília. Nosso discurso no ato de criação das Secretarias Regionais, em instituições de ensino e pesquisa de vários Estados, era constante e consistentemente o da procura de uma associação de químicos que visse e praticasse uma Química inteira, responsável e compromissada com a sociedade. Coerentemente com estes ideais, fomos uma das primeiras sociedades científicas a votar, na Assembléia Geral Ordinária de 1978, uma moção pela anistia ampla, geral e irrestrita e pelo reconhecimento da UNE como a única entidade representativa dos estudantes brasileiros.

A Química Nova resultou da teimosia e percepção de sua importância para a expansão da SBQ pelo Prof. Peixoto. Auxiliado pela Sra. Dirce Campos, até hoje secretária da SBQ e testemunha de sua história, não foram medidos esforços pelo prof. Peixoto para edição da Química Nova. Páginas e mais páginas de sua autoria, com textos de Química Quântica para ensino na Pós-graduação, davam corpo aos primeiros números da revista. Daí, por incompreensão e/ou desconhecimento do que significava criar um veículo para divulgação de fatos e idéias nos planos educativo e científico, mesmo contra a falta de recursos e colaboração dos colegas, a Química Nova foi maldosamente batizada de “a revista do Peixoto”.

Ao longo dos anos seguintes, nas gestões presididas pelo Prof. Simão Mathias (1978-1980), Prof. Ricardo de Carvalho Ferreira (1980-1981) e Prof. Fernando Galembeck (1981-1982 e 1982-1984), a SBQ cresceu vigorosamente. Em julho de 1984 já éramos 1367 Sócios Efetivos e 844 Sócios Colaboradores. Nos extensos programas de debates, simpósios, cursos, conferências, sessões de comunicações, finalmente os Químicos brasileiros se conheceram, estabeleceram colaborações em projetos de pesquisa, promoveram intercâmbio de estudantes. A Química Nova, apesar da circulação inicial irregular devida, principalmente, a dificuldades financeiras, se consolidou como órgão de divulgação da produção científica brasileira. Semanas de Química e Encontros Nacionais de Estudantes de Química (ENEQ's) organizados pelos Centros e Diretórios Acadêmicos, receberam apoio material e assessoria técnico-científica da SBQ. Foram realizadas, sob o patrocínio e/ou apoio da SBQ, inúmeras reuniões específicas de pesquisadores das várias sub-áreas ou especialidades da Química: Fotoquímica, Análise de Resíduos de Pesticidas, Ensino de Química, Síntese Orgânica, Química Inorgânica, Química Ambiental e Química Analítica. Em 1982, cumpriu-se outra meta da SBQ que era a aglutinação de professores de Química do Segundo Grau: foi realizado o Primeiro Encontro Nacional de Ensino de Química. Já estamos no quarto destes Encontros.

O elenco de pesquisadores/professores/estudantes/profissionais que atuou nos primórdios da construção da SBQ é, feliz e sintomaticamente, bastante grande. Secretários e representantes regionais da SBPC, alguns colegas do Instituto Adolfo Lutz, SESI, CETESB, IPT, IPEN, NPPN, INPE etc., e alguns professores da rede pública de ensino no segundo grau, têm papel destacado na história de nossa Sociedade. A seriedade e eficiência da SBQ logo conquistaram o reconhecimento e o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, Financiadora de

Estudos e Projetos – FINEP e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. A Seção de Química das Reuniões Anuais da SBPC passou a ser organizada pelos químicos associados à SBQ e a constituir as nossas Reuniões Anuais. Vários Encontros Regionais foram realizados: Sul, Nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo. A apresentação de trabalhos originais de pesquisa nas áreas básica e aplicada de Química tem ocorrido majoritariamente nas reuniões da SBQ.

No que tange à atuação da SBQ a nível internacional, lembramos que, por razões históricas, a ABQ é que detém a representação dos químicos brasileiros nas sociedades internacionais como a Federação Latino-americana de Química (FLAQ) e a International Union of Pure and Applied Chemistry (IUPAC) e, por isso, pouco pôde ser feito nessa direção. Tem destaque apenas a inclusão da SBQ entre as sociedades científicas européias co-editoras do *Journal of Chemical Research* e a eleição do Prof. Simão Mathias como membro (“chairman”) da Comissão de nove sociedades científicas, sob iniciativa da American Chemical Society, para discussão da conveniência de fundação de uma nova Sociedade Internacional de Química. Várias tentativas de contatos mais próximos com órgãos internacionais foram feitas: IUPAC (visita do Dr. G. Ourisson, Secretário Geral da IUPAC, em 1981), a Gesellschaft Deutscher Chemiker (participação do Dr. Wolfgang Fritsche na 4a Reunião Anual da SBQ, em julho de 1981), representantes da comunidade de químicos da África Portuguesa (participação das Doutoras Fung Dai Kin e Manuela Faria da Universidade de Maputo, em nossa 5a Reunião Anual, em 1982), e Sociedade Chilena de Química (reunião do Dr. Bechara, secretário geral, com a Diretoria da SCQ em Concepción, 1983). Em 1982, o Secretário Geral da SBQ, com indicações da ABQ, representou o Brasil no XV Congresso Latino-americano de Química (San Juan de Puerto Rico) e em 1984 compôs a Comissão Organizadora do XVI Congresso da FLAQ (Rio de Janeiro) em conjunto com representantes da ABQ, ABEQ e SBBQ. Mais recentemente, as Diretorias do biênio 1984-1986 e a presente assinaram protocolos de cooperação com a Sociedade Portuguesa de Química e a Société Française de Chimie. Em várias ocasiões, considerando que (i) a SBQ é a sociedade nacional que congrega a quase totalidade dos pesquisadores produtivos de Química e tem exercido ininterruptamente a liderança através de reuniões anuais, edição de revista trimestral e boletim informativo bimestral, (ii) as anuidades das sociedades internacionais são pagas pelo CNPq/Ministério das Relações Exteriores e (iii) cada uma das sociedades, SBQ e ABQ, além da ABEQ, ABIQUIM e outras, tem seu próprio espaço de atuação, foi proposta a criação de uma Federação Brasileira de Sociedades de Química, talvez patrocinada pela ABC ou SBPC, com o intuito de se criar um canal de representação internacional dos químicos brasileiros e de discussão e encaminhamento de soluções dos grandes temas de Química que convergem o interesse das Universidades/Institutos/Indústrias/Sociedades Cívicas. Esta proposta de criação da Federação, bem como aquela de fusão com a ABQ, sempre permeou as gestões das diretorias anteriores e a presente da SBQ. Ambas as propostas recebem forte resistência por parte dos químicos associados à SBQ nas assembleias ordinárias anuais.

Outro dilema constante em nossos Encontros e Reuniões têm sido o da conveniência ou não de se realizar reuniões anuais fora da reunião da SBPC. Argumentava-se que os programas das reuniões da SBQ se tornavam excessivamente extensos (veja tabela no trabalho do Dr. Romeu Cardoso, contendo número de conferências, cursos, mesas redondas, comunicações etc., nos anos de existência da SBQ) e que a hipertrofia da SBPC já não nos comportava. Além disso, dada a complexidade de organização da reunião da SBPC (ho-

rários, cronograma, espaços, recursos audio-visuais etc.), nossa liberdade na elaboração dos programas era bastante tolhida. Os contra-argumentos, entretanto, eram e continuam sendo fortes e sempre arrebanharam a simpatia da maioria dos sócios da SBQ: financeiramente, era-nos vantajoso reunirmo-nos com a SBPC – os custos eram muito mais baixos; cientificamente, eram indubitáveis os ganhos numa reunião pluridisciplinar como a da SBPC – os químicos teriam chances de interação com os cientistas de outras áreas e beneficiariam pesquisadores e estudantes de diferentes formações com a oferta de cursos de interesse específico ou interdisciplinar; politicamente, sempre nos pareceu fundamental e acertado prestigiarmos a SBPC, a qual, junto à Igreja, OAB, ABI e outras instituições, tem tido papel de destaque na defesa das liberdades civis, inclusive a de se fazer ciência de alta qualidade e não comprometida com interesses político-partidários imediatistas. Hoje, segundo dados da SBPC, a SBQ detém o mais alto índice de apresentação de trabalhos inscritos e promove uma das maiores reuniões de cientistas e especialistas dentro das reuniões anuais da SBPC. Nossos programas de reunião sempre foram elaborados de forma muito democrática (opinam os secretários regionais, diretores e conselheiros) e tem-se viabilizado ampla participação de pesquisadores e pós-graduandos através da concessão de cerca de duzentos auxílios de viagem anuais, oriundos de verbas concedidas pelo CNPq, FAPESP e CAPES. Em contra-partida, na organização e ação política, a SBQ formou quadros que posteriormente viriam a integrar comissões, coordenações e grupos de trabalhos das agências financiadoras do ensino e pesquisa. É importante, entretanto, frisar que ao longo do trabalho desenvolvido em conjunto com as agências sempre foi mantida nossa liberdade de crítica e atuação independente. Assim, na 4a Reunião Anual, em Salvador (1981) conseguimos, após intensas discussões ao longo do ano, derrotar o programa do CNPq de implantação do Instituto de Pesquisas Químicas (IPQ), elaborado de forma autoritária e contrária aos interesses de manutenção e crescimento da pesquisa química nas universidades. Posteriormente, também foram contundentes nossas críticas ao PRONAQ (Programa Nacional de Apoio à Química) e, mais recentemente, ao PADCT (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico), apesar do brilhante e lúcido trabalho de preparação e redação do sub-programa de Química e Engenharia Química pelo Prof. Galembeck.

Uma das mais sérias autocríticas que nós químicos temos de fazer é o reconhecimento de que não aprendemos ainda a atuar em bloco, organizados. Consta-se o isolamento de muitos pesquisadores produtivos e renomados dentro de seus laboratórios; não se percebe neles uma preocupação e compromisso com o desenvolvimento harmônico de seu próprio Departamento ou Instituto e verifica-se inexplicável alienação frente aos problemas do Estado, para os quais temos disposição (ao nível individual) e competência para solucioná-los. Este comportamento, de certa forma, também se reproduz dentro da SBQ. Há ainda forte dependência da comunidade da tutela das lideranças. As direções da SBQ têm recebido o pesado encargo de, frequentemente, pensar e decidir por toda a comunidade. São inúmeras as tentativas, sem respostas, de chamar os químicos a opinarem sobre problemas pertinentes à SBQ ou à Química no país. Como resultado, apenas recentemente é que, timidamente e aos poucos, começamos a conquistar alguns espaços junto às sociedades científicas, agências financiadoras, indústrias e sociedade civil. Urge que assumamos o compromisso de participar do processo de desenvolvimento científico – político – econômico – social brasileiro, através da produção científica de alta qualidade e, sobretudo, do fortalecimento de nossas instituições (Universidade, Sociedades Científicas, Conselhos, Sindicatos).